

A Vila de Mafra

A vila medieval de Mafra, designada popularmente por “vila velha” em oposição à “vila nova” que cresceu à sombra do Real Edifício de Mafra, recebeu carta de foral em 1189, passada por D. Nicolau, Bispo de Sines, a quem D. Sancho I havia doado esta vila. O burgo, crê-se que inicialmente amuralhado, estruturou-se a partir de um traçado regular, linear, com uma rua principal, a rua direita (hoje Papa Pedro Julião) que unia as duas extremidades do núcleo, a nascente e a poente. Neste núcleo construiu-se, ainda no período medieval, a Igreja de Santo André e a Casa dos Donatários de Mafra, sobre a qual se veio a edificar, mais tarde, o Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima.

Em 1513, D. Manuel I atribuiu a Mafra nova carta de foral, com a qual se procurou uma reorganização da vida socio-económica e administrativa deste território. Será ainda no século XVI que, à semelhança do que aconteceu noutros sítios do concelho, se fundou a Ermida e Albergaria do Espírito Santo junto a uma das vias principais de acesso ao burgo medieval, a nascente, onde se veio posteriormente a construir a Quinta da Raposa.

Mais tarde, nos finais do século XVI, a criação de um novo centro de carácter administrativo-judicial com a construção das “Casas das Câmaras”, no actual Largo do Pelourinho, veio a obrigar à expansão da vila de Mafra no sentido este/ nordeste. Este facto originou a formação de um novo aglomerado, citado nas Memórias Paroquiais de 1758 com a designação de Bairro da Boavista, onde se vieram a localizar, para além das “Casas da Câmara”, cadeia e praça fronteiriça com pelourinho, os açougues.

A edificação do Real Edifício de Mafra, por ordem de D. João V, veio determinar o crescimento da vila de Mafra de forma indelével a partir do século XVIII. A interligar a “vila velha” de Mafra e o sítio da “Real Obra”, consolidou-se um eixo viário estruturante, a actual Rua Serpa Pinto, então denominada Calçada das Reais Obras. Por outro lado, a construção de uma autêntica “cidade efémera” a poucas centenas de metros da fachada do Palácio, para assistir às dezenas de milhares de pessoas envolvidas no empreendimento joanino, acabou por tornar-se na génese de um novo aglomerado urbano que se foi estruturando ao longo dos séculos XVIII e XIX, acabando, mais tarde, por se unificar os vários núcleos numa só malha urbana.

Julho 2020



Parque de Estacionamento Posto de Turismo

Nota: Este folheto apresenta sugestão de percurso.

Informações:

Posto de Turismo de Mafra

Av. Movimento das Forças Armadas, n.º 28

Telef.: 261 817 170

e-mail: turismo@cm-mafra.pt

Percurso Histórico na Urbe de Mafra: da Vila Medieval ao Real Edifício



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Real Edifício de Mafra - Palácio, Basílica, Convento, Jardim do Cerco, Tapada inscrito na Lista do Património Mundial em 2019

1 Igreja de Santo André

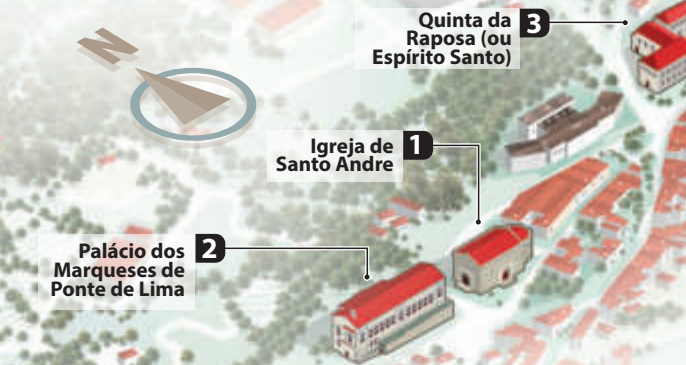


Construída nos séculos XIII e XIV, a Igreja de Santo André veio substituir um templo anterior, cuja localização ainda é desconhecida. Nos séculos XVII e XVIII, a igreja sofreu uma reformulação ao nível da arquitetura e do seu equipamento artístico, sendo restaurada no séc. XX, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. O restauro, dentro do espírito da época, procurou desenvolver-lhe a sua feição primitiva. (MN, 1935)

2 Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima



O Palácio do Marquês de Vila Nova de Cerveira (título que se modifica, posteriormente, para Marquês de Ponte de Lima), Senhor da vila de Mafra, foi construído (século XVII) no local onde outrora existiu a casa dos antigos donatários de Mafra. D. João V, quando se deslocava a Mafra para acompanhar a “Real Obra”, pernoitava nesta quinta, immortalizada por muitos intelectuais na literatura de viagens, sobretudo pelos seus jardins, pomares e mata frondosa.



3 Quinta da Raposa (ou Espírito Santo)



O edifício principal da Quinta da Raposa veio a ser construído junto à antiga ermida e albergaria do Espírito Santo, importante espaço de assistência social, na qual se alojaram os frades arrábidos antes de habitarem o Convento de Mafra. No século XX, o edifício foi ampliado para receber o Seminário de São Vicente de Paulo. Atualmente, alberga diversos serviços e equipamentos culturais, designando-se Complexo Cultural Quinta da Raposa.

4 Antigas Casas da Câmara e Pelourinho



O edifício das Casas da Câmara, atual Museu Municipal Prof. Raúl de Almeida, construído no século XVI e ampliado nos séculos XVII e XVIII, constitui um exemplar de grande qualidade da arquitetura civil barroca de caráter administrativo e judicial. No seu interior, o espaço distribuía-se em tribunal, sala de audiências, câmara e cadeia. O pelourinho é datável do século XVII. (IIP 1933)

4 Antigas Casas da Câmara e Pelourinho



5 Rua Serpa Pinto



Antiga Calçada das Reais Obras, sugestivo nome com que era designada no século XVIII, esta rua constituiu o eixo estruturante de ligação direta entre a vila medieval de Mafra e o sítio do Real Edifício de Mafra.

6 Praça da República e Largo Conde de Ferreira



Estes espaços estruturaram-se ao longo do século XIX, no seio do aglomerado urbano crescente perto do Palácio-Convento, desembocando na sua ampla praça. O Largo Conde de Ferreira deve o seu nome ao edifício escolar que aqui existiu (1886 – 1930), segundo desejo testamentário do Conde de Ferreira de construir uma escola em cada sede de concelho do país.



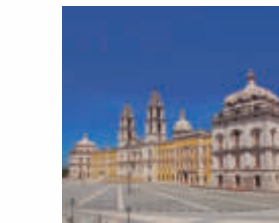
6 Praça da República e Largo Conde de Ferreira

7 Terreiro D. João V



Aquando da decisão de D. João V de construir um convento em Mafra, procedeu-se à demarcação do terreno para a construção do complexo arquitetónico, incluindo uma “dilatada praça” fronteiriça à fachada. Com o desenvolvimento de um núcleo urbano a poente do Palácio-Convento, o Largo do Real Palácio (tal como era designado no início do século XIX) foi sendo ocupado pelo casario e o terreiro consolidou-se na sua dimensão atual ainda no século XIX. A atual configuração do Terreiro foi executada entre 2012 e 2013.

8 Real Edifício de Mafra



O Real Convento de Nossa Senhora e de Santo António da Província Capuça da Arrábida foi mandado construir por D. João V, em 1711, começando as obras em 1717. O projeto, inicialmente pensado para treze frades, acabou por ser reformulado para albergar trezentos religiosos e um palácio para a Família Real, do que resultou o maior empreendimento arquitetónico da Monarquia Portuguesa. A Basílica foi sagrada em 1730. Obra-prima do Barroco e símbolo de poder do Magnânimo, deve o seu traço inicial ao arquiteto alemão João Frederico Ludovice. O Real Edifício de Mafra – Palácio, Basílica, Convento, Jardim do Cerco e Tapada foi inscrito na lista do Património Mundial da UNESCO, em 2019.